

Espectáculo, Política e Corporalidades: Ressignificação de Sentidos em Sujeitos Midiatizados¹

Nísia Martins do ROSÁRIO²

Guilherme Fumeo ALMEIDA³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Resumo

O objetivo do presente artigo é problematizar o conceito de explosão (Lotman, semiótica da cultura) e aprofundar as investigações sobre corporalidades a partir da noção de ruptura de sentidos. Essa reflexão é parte integrante de uma pesquisa que busca compreender as reconfigurações de sentidos que se operam em corpos de sujeitos midiáticos. Nesse momento, trazemos à discussão uma perspectiva cartográfica, que considera os eixos diacrônico e sincrônico para apresentar resultados de uma análise sobre a performance e a trajetória de Luis Inácio Lula da Silva e Michael Jackson. Apesar de inserirem-se em ambientes diferentes, o espetáculo e a política, e das especificidades de suas corporalidades, ambos construíram percursos similares na elaboração das semioses de si: explosões nas suas respectivas semiosferas e modelização na configuração da aparência física.

Palavras-chave: semiótica da cultura; corporalidades; ruptura de sentidos.

Introdução

Como parte da pesquisa *Corpos em Explosão: Rupturas e Reconfigurações de Sentidos nas Corporalidades*, o presente artigo se concentra na abordagem de corporalidades midiáticas na perspectiva da semiótica da cultura, com foco nas rupturas de sentidos. Tem como objeto empírico um recorte sobre as figuras de Luís Inácio Lula da Silva e Michael Jackson.

O primeiro passo será aprofundar as tratativas sobre o que se pode entender como rupturas de sentido, fazendo uma problematização do conceito de explosão de Lotman

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² É professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no curso de Comunicação Social e no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq. www.corporalidades.com.br; email: nisia@corporalidades.com.br

³ Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da UFRGS, email: almeidaguif@gmail.com

(1999). Essa abordagem tem o objetivo de situar melhor algumas das considerações do autor sobre o conceito, permitindo ter mais elementos para a sua identificação e aplicação. Além da explosão, é relevante o entendimento das corporalidades que, nesse texto, embasa os resultados empíricos apresentados neste trabalho. Esses são fruto de uma entrada parcial na metodologia da cartografia, com inspiração em Deleuze e Guattari (1995). Optou-se por analisar uma coleção de imagens midiáticas de Lula e Michael Jackson ao longo de suas carreiras (*rastreio* de fotografias retiradas de reportagens sobre ambos e vídeos de shows, entrevistas e campanhas, assistidos no YouTube), buscando nesse *pouso*⁴ ser *tocado* e dar os primeiros passos de um *reconhecimento atento*.

De antemão, é relevante lembrar que, para Lotman, o tensionamento e a explosão são movimentos importantes para a renovação dos sentidos, já que o envelhecimento dos “métodos geradores de sentidos é compensado pela introdução e uso de novas estruturas geradoras de sentidos, antes proibidas” (LOTMAN, 1999, p.35/36).

Sobre rupturas de sentidos

O conceito de explosão de Lotman traz contribuições importantes para a comunicação e para a semiótica. A principal via que identificamos é a do tensionamento. Essas tratativas começam quando o autor problematiza o sistema monolinguístico de comunicação e o seu modelo ideal, que vem da teoria matemática elaborada por Shannon e Weaver. É premissa fundante que há uma não identidade de base entre o falante e o ouvinte, portanto não há uma condição perfeita de comunicação.

Assim, a condição de fato da comunicação é a da imprevisibilidade e das transformações complexas, o que implica na existência de tensionamentos, que fazem avançar o entendimento dos processos comunicativos. Por outras palavras, a comunicação se realiza na intersecção dos espaços do falante e do ouvinte, e mesmo na intersecção de tendências contrárias que não se encontram em intersecção; na aspiração de, por um lado, facilitar a compreensão e, por outro lado, acrescentar valor a mensagem, ampliando suas diferenças. O valor dialógico, então, se constitui entre as partes que não se interseccionam. É aí que se estabelece o conceito de tensão, admitindo que o ruído não seja uma anomalia, mas sim um configurador de novos sentidos. O mesmo ponto de vista vai atingir igualmente

⁴ Kastrup (2009), na perspectiva da cartografia, propõe quatro momentos de atenção que se manifestam no desenvolvimento da cartografia: rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento.

a noção de código, que inclui uma estrutura criada, mas sobretudo supõe a história, a existência de uma memória. O código, portanto, não é unívoco, tampouco se configura de forma igual na dimensão do emissor e na dimensão do receptor.

É justamente nessa imprevisibilidade e nesse tensionamento que se situa a explosão, o momento de reconfiguração de sentidos. Esse é um fenômeno semiótico por excelência, “momentos de grandes imprevisibilidades que levam ao florescimento de novas configurações de cenários das representações culturais” (MACHADO, 2007, p. 17) e que têm o acaso como elemento chave. Lotman defende, contudo, que não se pode entender a imprevisibilidade fora do contexto dos sistemas; ou seja, há uma lógica daquilo que pode ser considerado imprevisível.

O autor busca estabelecer o conceito de explosão sobre uma ruptura drástica de sentidos que gera novos códigos, interrompe a cadeia de causa e efeito, reorganiza as linguagens. Contudo, ao trazer exemplos vindos das artes, deixa entrever que aquilo que ele entende por explosão tem diferentes intensidades. De maneira distinta do fenômeno físico, não há um modo de medir a explosão semiótica. A explosão está ligada à imprevisibilidade nos processos comunicacionais – que podem ser graduais e/ou explosivos – associada às capacidades dos sistemas lidarem com os estranhamentos, seja por reterritorialização de sentidos, seja por exclusão.

O entendimento de Lotman sobre as culturas binárias e ternárias ajuda a compreender os processos não graduais. Para ele, as culturas binárias são mais propícias à explosão que as culturas ternárias – entre as quais inclui o mundo ocidental –, sendo essas mais flexíveis, não apagando totalmente os modos e formatos dos sistemas culturais. “As estruturas ternárias conservam alguns valores do período anterior, transferindo-os da periferia para o centro do sistema. [...] O sistema ternário tende a ajustar o ideal à realidade, enquanto o binário tenta realizar na prática um ideal irrealizável” (LOTMAN, 1992a, p. 257-258). Assim, podemos defender que, no que se refere à explosão, há diferentes modos dela se configurar como texto e em relação aos sistemas e aos códigos, tendo em vista as diferentes velocidades que os atravessam. Contudo, é certo que, no momento da explosão, os sentidos se desterritorializam, causando algum tipo de estranhamento, configurando a novidade e, em alguns casos, a criação. Esses sentidos são reterritorializados com forte tendência à incorporação e à assimilação pela semiosfera ou à exclusão e ao esquecimento. O momento de esgotamento da explosão é o ponto de inflexão do processo. Essa é a lógica da explosão.

Considerando as questões colocadas até aqui, sobretudo as de movimento e tensionamento de códigos, sistemas e textos, podemos nos aproximar da compreensão de rupturas de sentidos. A noção de ruptura de sentidos é tomada aqui como menos intensa que a de explosão, tendo em vista a significação da palavra: cessação, corte, interrupção, parada, suspensão; quebradura, rachadura, rompimento; falha, cisão. Apesar disso, quando falamos em rupturas de sentidos, ainda trazemos elementos fundantes da explosão, como a imprevisibilidade, o tensionamento, a desterritorialização e reterritorialização e/ ou reconfiguração de sentidos.

É Lotman que nos faz entender que entre as possibilidades e diferentes graus de imprevisibilidade e de acaso, os sistemas apresentam intensidades distintas de rompimentos, as quais se realizam em diversos ritmos, sob múltiplas possibilidades de impactos. Em todos os casos as explosões provocam algum tipo de desterritorialização dos sentidos, afetam ou tensionam de algum modo os sistemas, os códigos e os processos de tradução. Esse processo, entretanto, não pode ser medido quantitativamente, apenas debatido no âmbito qualitativo.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que corpos em explosão ligam-se ao entendimento de reconfiguração de sentidos. São aqueles corpos que, ao construírem uma cadeia de sentidos sobre si, provocam uma interrupção e/ou rompimento nas semioses em vários níveis e sob diferentes ritmos e intensidades. Em algum momento, há uma suspensão dos sentidos previsíveis para a intromissão de outras formas de comunicar, por meio de outros textos, que não eram hegemônicos naquele instante. Abre-se, assim, uma fenda na cadeia de sentidos costumeira e, por consequência, provoca-se algum tipo de tensão sobre o funcionamento do sistema. São textos corporais que se constroem sobre o não hegemônico, sendo que o núcleo da semiosfera o entenderia como um ambiente caótico (não organizado); neles as corporalidades estão aptas a gerar novos sentidos. O cotidiano é o melhor lugar para encontrá-los, tendo em vista que lá as gírias se proliferam, os tipos físicos e étnicos diferenciados tentam conquistar espaço, multiplicam-se gestualidades, vestimentas. Assim, criam-se textos em que a função criativa transparece em conversa de amigos em botecos, brincadeiras de crianças e adolescentes, jogos, danças de rua. Eles podem não ter aceitação e serem descartados, caindo no esquecimento, mas, igualmente, podem ser incorporados aos subdomínios periféricos tanto quanto ao domínio hegemônico – que é onde está a mídia – o núcleo da semiosfera. Considerando, porém, a diversidade e

multiplicidade de textos corporais apresentados pela mídia, esses estão a todo o momento provocando ruptura de sentidos em relação à diacronia e à sincronia.

Do ponto de vista da semiosfera midiática de grande alcance e elevada capacidade de repetição e, nessa via, de legitimação de sentidos e modos de semioses, as explosões têm que ser estudadas com cuidado. Contudo, não se pode analisar a explosão a partir de categorias habituais, como defende o próprio Lotman (1999).

Rupturas de sentidos nas corporalidades

Em outro momento, o conceito de corporalidades já foi trazido ao debate nesse GT; assim, entendemos que uma síntese é suficiente para a proposta desse artigo.

Entender tal conceito requer alguns posicionamentos sobre a noção de corpo. A primeira vista, tal conceito pode apresentar uma série de limitações, pelo fato de se considerar apenas a materialidade física e até mesmo aparente. O corpo, dessa forma, seria entendido apenas como objeto mediador. O ponto de vista que restringe o corpo comunicacional ao físico tem parte de sua *episteme* ligada a um conceito de corporificação vinculado ao entendimento modernista, à organização dual da sociedade, capaz de criar classificações de forma binária, assimétrica e polarizada (mente e físico). Pelo ponto de vista da articulação dual, o corpo operaria apenas como um mediador da mente ou da alma para com o mundo; já pela perspectiva da superação das polaridades (Bystrina, 1995), os pólos mente/corpo, alma/físico entram em inter-relação, ou se constituem em pluriarticulações. Isso significa dizer que a comunicação corporal tem que se dar em correlação de cérebro e alma, em pluriarticulações de elementos.

Corporalidades, portanto, são um domínio teórico-metodológico que permite fazer avançar as reflexões acerca das virtualidades e das atualizações dos corpos; são uma dimensão em que se pode desenvolver abordagens teóricas sobre o corpo e propor estudos empíricos sobre ele. Constitui-se num ambiente propício ao alargamento das problematizações e das perspectivas investigativas que dizem respeito ao corpo, encontrando respaldo para estabelecer seus princípios e incrementar suas aplicações, entender seu funcionamento. É necessário apreender as corporalidades nas redes de composição de significados que elas vão configurando tanto no cotidiano como nos meios técnicos e de massa; enfim, na dimensão da cultura.

Conforme explicado inicialmente, para esse artigo utilizamos, o recorte de um *corpus* mais amplo que, na via da cartografia, precisa ser relacionado e tensionado. A

impossibilidade de apresentar o todo, entretanto, levou a que optássemos por apenas dois sujeitos midiáticos que têm (tiveram) trajetórias significativas tanto no âmbito do espetáculo e da política quanto (aparente) competências midiáticas para lidar com os códigos, sistemas, textos, táticas e estratégias próprias da esfera dos meios de massa. É possível inferir que tanto Jackson quanto Lula são mostras bastante claras de rupturas de sentidos e de explosão.

Os estudos de semiótica da cultura, por meio de seus principais representantes, não se preocupam em estabelecer uma metodologia que os legitime e/ou estabeleça um procedimento comum a essa disciplina. O próprio Lotman (1999) chegou a afirmar que a metodologia pode ser bastante engessadora. Contudo, seus trabalhos deixam transparecer caminhos sistematizados traçados por ele e poder-se-ia dizer que ele compõe, para suas análises, uma mistura de procedimentos semióticos, culturoológicos, filosóficos e históricos. Nessa via, a cartografia se apresentou como um caminho bastante coerente com a proposta de investigação, sendo capaz de se deixar atravessar pelos eixos conceituais do estudo: contextos, diacronia, sincronia, códigos, linguagens, semiosfera e imagens.

A operacionalização sobre o empírico encontra em Kastrup (2009) um modo que se delinea em quatro momentos de atenção: rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento. Através do *rastreio*, procura-se, nas mídias impressas, cinema, televisão e internet, pistas e indícios relevantes de corpos midiáticos que indiquem rupturas e reconfigurações de sentidos, explorando a dimensão midiático-imagética das corporalidades. Com o *toque*, substitui-se a busca da informação pela fruição, a fim de encontrar sinais relevantes para o desenvolvimento do problema, como ritmos variados de relações de sentidos, partindo de vislumbres que conduzem à seleção, como a diversidade de tipos imagéticos. Esse passo encaminha para que sejam selecionados materiais para um *pouso*. Uma ‘parada’ para perceber o território e voltar-se à exploração, à observação, ao detalhamento e a verificação das possibilidades de problematização das imagens na relação com o contexto, com a fundamentação teórica e com a diacronia. Por fim, chega-se ao *reconhecimento atento*, que exige a reconfiguração do território, a reterritorialização dos sentidos.

A Explosão e a Modelização em Lula

Mais importante que a explosão em si, destaca Lotman, é a combinação entre processos explosivos e graduais, pois a intersecção de diferentes organizações seria uma grande fonte de dinâmica nos processos semióticos. Dessa forma, para o autor,

tanto os processos explosivos como os processos graduais assumem funções importantes em uma estrutura com funcionamento sincrônico: os primeiros asseguram a inovação, e os segundos a continuidade (LOTMAN, 1993, pp. 27).

O russo também frisa que essa combinação entre explosão e gradualidade precisa ser observada dentro de um determinado contexto histórico, social e cultural, para ter coerência e validade. E isto ocorre, segundo o autor, pois a realidade está “rodeada de vários processos sincrônicos a ela, e estas influências colaterais, interferindo umas nas outras constantemente, podem turvar o quadro preciso da alternância entre explosão e gradualidade” (LOTMAN, 1993, p. 87).

Da infância pobre no Nordeste e depois em São Paulo, passando pelo chão das fábricas no ABC paulista e pela carreira política, que culminou na sua eleição para presidente, em 2002, a trajetória de Lula tem uma grande importância simbólica e explosiva: a do homem de origem pobre que conseguiu ocupar democraticamente o cargo político mais importante do país. Analisando a biografia de Lula, é notável a sua adaptação ao ambiente físico e social em que está inserido, o que lhe possibilitou criar uma identidade política e uma representatividade muito fortes enquanto líder sindical e dirigente partidário, culminando, décadas depois, na chegada à presidência da república.

Após viver o início da infância no interior de Pernambuco, Luiz Inácio se mudou com a mãe e os irmãos para a Baixada Santista. Após a separação dos pais, o menino vai morar na capital paulista, desde cedo trabalhando para ajudar no sustento de casa. Vários anos se passaram até que o então operário, que havia perdido um dos dedos em um acidente com uma prensa, ingressasse na atividade sindical e adquirisse uma consciência política de classe. A partir deste período, especialmente com a sua eleição para a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em 1975, é visível a preocupação de Lula com a formação de uma imagem de líder sindical identificado com seus pares, na fala, nos gestos, na aparência e, portanto, deixando-se envolver pelos sistemas modelizantes daquela semiosfera. Tal processo pôde ser observado pesquisando as primeiras entrevistas do então sindicalista, que ia tornando-se uma figura pública conhecida naquele final da década de 1970.

Uma delas foi concedida ao programa Vox Populi, da TV Cultura, em 1978, em que Lula critica a baixa representatividade dos trabalhadores em cargos políticos, além de tentar distanciar a sua imagem como dirigente sindical da dos “pelegos”. Ao conquistar maior notoriedade e conseqüentemente ter de expressar-se com frequência por meio de discursos e entrevistas, ele passa a se expor ao que Campelo (1996, p. 92) chama de imagens cindidas,

em que alguém “diz uma determinada coisa através do verbal e, talvez por desconhecer a imagem que está continuamente projetando com seu corpo, expressa outra muito diferente pela linguagem não verbal”.

Presidente do partido que ajudou a fundar em 1980, o PT, durante vários mandatos Lula ganhou popularidade como dirigente sindical no ABC paulista, e passou, como dirigente político, a representar o discurso oficial do partido, enquanto força de esquerda crítica e atuante que visava implementar grandes mudanças no sistema político brasileiro. Durante três eleições presidenciais, em 1989, 1994 e 1998, Lula adotou uma estratégia mais agressiva em suas campanhas, atacando os adversários e propondo mudanças concretas em diversas áreas – e perdeu. Representando as forças de esquerda enquanto candidato que visava romper com uma visão conservadora da política, o petista passou a reconfigurar a imagem que lhe rendia uma considerável rejeição frente a grandes parcelas da sociedade. Tanto na aparência – barba cerrada, macacões e ternos mal cortados – quanto no modo de falar, Lula parecia representar uma candidatura política que ainda deixava insegura boa parte da população.

Em 2002, no entanto, a mudança da imagem pública do presidenciável, que começara muitos anos antes, de forma gradual, tornou-se evidente: agora era a hora do petista realmente “chegar lá”. Eleito presidente, o político passou a sinalizar que a mudança em sua imagem era definitiva. Se em 1989, o Jornal Nacional havia provocado a ira de parte da opinião pública e de petistas ao demonstrar, em sua controversa edição do último debate presidencial, que Collor havia sido muito superior a Lula, em 2002 o telejornal recebeu ao vivo o ex-torneiro mecânico de braços abertos através de seu apresentador, William Bonner.

No caso de Lula, as imagens ilustram de que forma as modificações em sua aparência foram fundamentais para a remodelação de sua persona presidenciável. Ao analisar, através de 100 fotos, as mudanças na figura do ex-sindicalista entre 1989 e 2002, Rodrigues e Pérez-Nebra (2007) enxergaram a metamorfose como a alternativa encontrada para demonstrar ao eleitorado que Lula era capaz de governar o país, dissociando-o da imagem de político radical e despreparado.

Figura 1: Lula em quatro eleições: 1989, 1994, 1998 e 2002



Fonte: Reprodução da Internet

Organizada pelo publicitário Duda Mendonça, a consolidação da figura do político negociador alcançou seu objetivo através do título de “Lulinha paz e amor”, permitindo que o candidato finalmente saísse vitorioso de um pleito presidencial. Segundo as autoras (2007, p. 67), “Mendonça também percebeu que um dos fatores essenciais para tornar a disputa de Lula competitiva e com chance de vitória estava no âmbito da reconstrução da imagem de Lula, de modo que [...] o eleitorado superasse o medo e o risco de votar em Lula”. Por outras palavras, a interferência de Mendonça no texto Lula se deu em prol da modelização física do candidato.

Nesse processo, ficou evidente que Lula foi modelizando o seu corpo em relação à aparência, à gestualidade, ao discurso para adequar-se ao sistema político e ao perfil de um presidencial. Ainda assim, não é possível apagar a sua trajetória e sua origem, e de “cara”

nova, ele carrega para a presidência os sentidos de sindicalista, de criança pobre e de representante do povo/trabalhador.

Metamorfose e Explosão

Ao estabelecer uma percepção mais abrangente sobre os estudos do corpo, concebe-se as corporalidades enquanto responsáveis por uma dimensão multifacetada, protagonista de um processo em que é simultaneamente agente ativa e passiva, alimentando e sendo alimentada por outras dimensões, o que acarreta a construção de inter-relações de tensão e de distensão. Isso está bem presente na análise de Michael Jackson.

Com uma carreira meteórica, tornando-se astro mirim e coroado rei do pop com menos de 30 anos, e enfrentando uma série de polêmicas e reviravoltas nas décadas seguintes, a trajetória de Michael Jackson, morto aos 50 anos, em 2009, conta com uma série de elementos que correspondem a tensionamentos e rupturas de sentidos. De origem afrodescendente, o cantor passou por uma intensa mudança na aparência, especialmente a partir dos anos 1980, que alterou suas feições, através de cirurgias plásticas, além de modificar radicalmente a cor da pele.

O ‘clareamento’ da pele do cantor configura um caso especial, em função da amplitude da transformação física, bem como de sua repercussão. Rapidamente alçado à categoria de ídolo, Jackson sofreu de forma intensa as pressões de uma sociedade que:

age sobre o corpo, organizando-o, sistematizando-o, determinando-o. Surgem, então, os perfis de beleza, de sensualidade, de charme, de saúde, de postura – e também de inteligência, de boa educação, de cordialidade, (ROSÁRIO, 2002, p. 293, 294).

Em uma era em que o corpo parte-se em pedaços, dividindo-se, adquirindo significado próprio e transformando cada parte em um grande gerador de sentidos, conforme a autora, metamorfoses como a sofrida por Michael Jackson ganham grande visibilidade e começam a se tornar comuns, ou seja, são incorporadas pelos sistemas modelizantes do corpo. Neste segmento,

a ambiguidade torna-se peça-chave nos significados do corpo. Ele não precisa ater-se mais a apenas um conteúdo, ele pode escolher os significantes que vão compô-lo e, ao mesmo tempo, fazer surgir múltiplos significados, até mesmo opostos (ROSÁRIO, 2002, p. 307).

No final dos anos 1980, o processo de transformação física do astro tornou-se cada vez mais acentuado, o que pode ser observado nos vídeos das apresentações e videoclipes

de Jackson, como no da música *Bad*, de 1987, em que já é possível notar que sua pele tornou-se muito mais clara em menos de uma década, resultando em uma imagem distante da do menino de cabelo *Black Power* e voz potente que caracterizou Michael no início da carreira. Em 1993, quando a mudança de aparência evidente do cantor já era um tema constante na imprensa de celebridades, durante uma entrevista ao vivo com a apresentadora Oprah Winfrey, Jackson minimizou os rumores sobre plásticas, afirmando ter se submetido a um número muito baixo de cirurgias: “Eu nunca fiz as bochechas, nunca fiz meus olhos, meus lábios e tudo o mais”. Na mesma entrevista, o cantor atribuiu a mudança no tom de sua pele a uma doença que destruía a pigmentação da pele. “É algo que eu não posso deter”, afirmou.

Entre o final dos anos 1990 e início dos 2000, Jackson se tornou cada vez mais recluso e distante da rotina de shows e gravações, sendo retratado pela mídia como um astro pop excêntrico e de aparência física bizarra, dentro de um processo de quase monstruosidade. A representação da mudança física radical de Michael Jackson e a diferença no tratamento dado ao cantor por parte da mídia, especialmente entre as décadas de 1980 e 1990, pode ser analisada através do artigo de França (2010). No texto, ele demonstra como as modificações físicas e comportamentais de Jackson foram retratadas pela revista *Rolling Stone*, que mudou a forma de se referir ao astro ao longo dos anos. França (2010, p.08) observa: “dividindo as atenções com a cantora Madonna, ele aparece fisicamente diferente, com a pele branca, o nariz mais fino, cabelos caídos sobre o rosto”.

O autor faz uma comparação entre a mudança discursiva na revista *Veja* acerca do artista, ressaltando que, em 1993, Jackson era apresentado como uma persona, uma personagem de si próprio, com elementos de estranheza, mistério e bizarrice. Já em 1996, as críticas e o total estranhamento frente ao comportamento e à aparência física de Michael tornam-se evidentes. Na reportagem sobre a viagem do cantor para o Brasil, o tom de ironia e crítica se acentua, com Jackson sendo acusado de gravar um clipe em uma favela brasileira para desviar as atenções midiáticas de seu recente divórcio com Lisa Presley e dos processos por abuso de menores. Dessa maneira, de astro pop absoluto e insuperável em 1984, Jackson se transformou para *Veja*, em 1996, na celebridade excêntrica em demasia, com comportamento e aparência bizarros.

Em meio a essas tantas idiosincrasias, Jackson articulou algumas dentro dos sistemas modelizantes rompendo com sentidos de si mesmo para deixar-se padronizar pelos sistema ocidental que rege o corpo. Ao mesmo tempo, ele gera explosões intensas no

mundo pop e no sistema do corpo como o criador de um estilo de dança totalmente novo, popularizando através de shows, vídeo clips e aparições na mídia complexas técnicas de dança e de divulgação.

Considerações para um reconhecimento atento

A partir da análise das imagens midiáticas de Lula e Michael Jackson e de sua associação com os conceitos utilizados durante a pesquisa, é possível destacar e diferenciar as metamorfoses percebidas em cada um dos sujeitos. Dessa forma, percebemos que, durante a sua trajetória política, o ex-presidente Lula passou por uma metamorfose gradual do físico com um fim aparente: a eleição e a permanência no poder. Nessa via, o presidente uruguaio José Alberto Mujica Cordano é mais representativo de uma explosão em relação aos códigos políticos dos modos de vida e aparência física. Já a busca incessante por transformações nas corporalidades de Michael Jackson indicou uma ruptura maior de sentidos de si que o metamorfoseou por meio de cirurgias plásticas, tratamentos médicos para clareamento da pele, entre outros.

Foi possível perceber que apesar de inserirem-se em ambientes diferentes Michael Jackson (espetáculo) e Luis Inácio Lula da Silva (política) construíram percursos similares na elaboração das semioses de seus corpos. Se, por um lado, Jackson produziu explosões com seu corpo através da dança e da música – pode-se citar como exemplo o passo *moon walk* –, por outro reconfigurou os sentidos de si de acordo com os padrões ocidentais por meio de uma caucanização. Trajetória análoga foi produzida por Lula que rompeu o sistema político ao eleger-se presidente sem ter grau de escolaridade superior, sem ter nascido em família tradicional e sendo um representante (a princípio) dos sindicalizados. Não obstante, seu físico foi afetado por uma reconfiguração substancial na aparência, tornando-se a representação hegemônica de um político.

Em consonância com a combinação entre os processos de explosão e gradualidade destacados por Lotman, as transformações verificadas no discurso e na aparência de Lula demonstram intersecções de variadas formas e dinâmicas dos processos semióticos. Ele alternou momentos de rompimento com uma ideia pré-estabelecida de imagem e comportamento com situações de criação de consensos e tentativa de manter um sentido comum. A partir da pesquisa baseada nas impressões sobre o material imagético – especialmente entrevistas para programas televisivos, no caso do político – é possível perceber que apesar do rompimento com uma aparência tida comumente como desleixada

para um candidato à presidente (barba por fazer, ternos mal cortados), o caráter conciliador, disposto a cultivar mais alianças do que desafetos, já era presente.

Michael Jackson se insere no contexto das corporalidades para apresentar alguns dos tantos tensionamentos que ocorrem nessa dimensão. Em um momento inicial da carreira ele manifesta a diferença pela cor da pele e pela criação artística para então engendrar uma transformação física que o deixou com um viés de monstruosidade: cabelo alisado, nariz fino, pele branca, olhos amendoados, boca desenhada. Tudo em excesso. Se, por um lado, ele materializou em um mesmo corpo as tantas possibilidades das técnicas cirúrgica e médica, por outro, ele tentou sistematizar em si – e sem sucesso – o protótipo do ser humano modelizado pelo sistema corporal ocidental.

Figura 2: As metamorfoses de Jackson entre as décadas de 1970 e 2000



Fonte: Reprodução da Internet

REFERÊNCIAS

BYSTRINA, Ivan. *Tópicos em semiótica da cultura*. São Paulo: CISC/PUCSP, pré-print, 1995.

CAMPELO, Cleide Riva. **Cal(e)idoscorpos: um estudo semiótico do corpo e seus códigos**. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995.

FRANÇA, Renné Oliveira. **Who's bad**: as representações de Michael Jackson na revista Veja. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.13, n.1, jan./abr. 2010.

KASTRUP, Virginia. O método da cartografia e os quarto níveis da pesquisa intervenção. In: CASTRO, L.R. & BESSET, V.L. (orgs.) *Pesquisa intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Nau, 2009. P.465-4.

LOTMAN, Yuri M. **Cultura y explosión**. Barcelona: Editora Gedisa, 1999.

MACHADO, Irene (org.). **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

MORAES, Eliane Robert . Anatomia do Monstro. In: Maria Lucia Bueno; Ana Lucia de Castro. (Org.). **Corpo Território da Cultura**. São Paulo: Annablume, 2005, v. , p. 13-25.

RODRIGUES, Cecília de Castro; PÉREZ-NEBRA, Amalia Raquel. **A mudança na imagem do presidente Lula nas campanhas eleitorais à Presidência da República**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 12, jul./dez. 2007.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Corpo em tempos de pós-modernidade: semiose ilimitada. In: pp. 293 – 309, **Mídia, imprensa e as novas tecnologias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.